

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: 370

Data: 14/11/91

Pg.: _____

Mestrinho sabatinado por Jô

Florestas e reservas

O problema do cólera no Amazonas, foi o primeiro assunto a ser abordado pelo governador Gilberto Mestrinho, no programa "Jô Soares, onze e meia", do SBT, onde esteve anteontem à noite, pela segunda vez. Disse que a doença estava sob controle, graças as providências tomadas pelas autoridades sanitárias, que estabeleceram um cordão de isolamento, tão logo se manifestou na fronteira brasileira, vinda do Peru, onde existe epidemia desde fevereiro do corrente ano. Explicou que o cólera chegara também ao México depois de aparecer no Brasil, lá registrando-se 866 casos, enquanto no Amazonas tinham sido constatados apenas 264. Apesar do alarde que se fez, dizendo que o cólera dizimaria toda a população amazonense e se estenderia por todo o Brasil, até hoje a triste previsão não se confirmou. Citou que o chanceler alemão Helmut Kohl, acompanhado

de comitiva de 300 pessoas, estiveram em Manaus. Passaram uma noite na selva, sem que fossem atingidos pelo vibrião colérico. Nem ele nem nenhum membro de sua comitiva tiveram conhecimento do cólera.

— Mas o senhor disse — questionou Jô Soares — que o cólera jamais chegaria a Manaus, pelo rio Solimões, na última vez que esteve neste programa.

— Realmente — foi a resposta. Eu assegurei que o vibrião do cólera, por ser pouco resistente, não chegaria à capital amazonense, pelo volumoso rio. Lá pareceram, entretanto, dois casos da doença. Mas foram transportados. Um passageiro vindo de Tabatinga, que fora atingido na fronteira e outras através de uma senhora manauara, que fora passar alguns dias no município de Coari, onde adquiriu a doença em contato com seus familiares, que lá residem.

— Espalhou-se pelo Mundo e pelo Brasil — sublinhou o governador Mestrinho, em outro trecho da entrevista — que a floresta amazônica estava sendo devastada. O secretário do Meio Ambiente chegou a prever, em entrevista concedida no exterior, que a floresta amazônica estaria extinta no ano 2.000. Isto é simplesmente risível.

No Amazonas, meu Estado, desde seu descobrimento, até hoje, houve um desmatamento correspondente a apenas 1,24%. Lá foram implantadas cidades, vilas e povoados, construída uma hidrelétrica, abertas estradas de rodagem, etc, sem que a floresta fosse devastada. É de levar-se em consideração ainda que durante muito tempo os navios fluviais eram movidos com a queima da lenha e a lenha, antes do aparecimento do petróleo, era utilizada nas cozinhas de todos os lares.

Em entrevista que concedi aos 70 jornalistas que integravam a comitiva do primeiro ministro da Alemanha, chamei a atenção para o fato deles terem viajado em "boeing", durante duas horas e meia sobre a selva e rios. E, se prosseguissem viagem, por mais duas, iriam ver o espetáculo. Onde a tão decantada devastação? Ela só existe na imaginação dos falsos ecologistas.

— Vamos à questão indígena — indagou Jô Soares — por que o senhor é contra a demarcação das terras indígenas.

— Não sou contra — respondeu — a demarcação das terras indígenas. É uma calúnia. Só não sou favorável à demarcação, mas adepto de maior assistência aos índios. O que eu questiono, na realidade, é o despropósito de marcar mais 9 milhões de hectares de terra aos ianomami, superior a superfície de Portugal, que abriga uma população de 12 milhões de habitantes. Os índios ianomami, no território brasileiro, compreendido entre o Amazonas e Roraima, segundo levantamento feito pelo Projeto Calha Norte, através das Forças Armadas, são constituídos de 3.470 pessoas. Formam quatro tribos, falando línguas diferentes, embora sejam da mesma tronco étnico. Estão espelhados pela imensa região, com grupamentos de 100, 80 ou, às vezes, menos de 50 pessoas. Esses índios vivem em torno de suas aldeias, onde fazem a caça e a pesca para a sua subsistência, nunca se afastando dos locais onde vivem mais de 1 quilômetro. Por que então tantas terras? Mas os ianomami habitam a maior planície mineral do mundo. Há por aí até quem fale em se implantar uma nação ianomami, abrangendo parte do Brasil e do território venezuelano, onde há também há ramificação desses indígenas. Há muito interesse nisso. Quando falo de índio é porque entendo. Tive uma avó que era índia.

Caça ajuda turismo

Mestrinho se manifestou favorável à caça amadora, sob controle das autoridades, como suporte para o desenvolvimento turístico: Em todos os países civilizados a caça é processada. Na Alemanha, com sua pequena floresta, que em comparação a amazônica, pode ser chamada de quintal, realiza-se a caça em determinadas épocas. Só no ano passado, haviam sido abatidos 670 mil veados, com apreciável arrecadação para os cofres públicos. — Por que só no Amazonas a caça deve ser proibida? A ex-presidente do Ibama era contra a caça do jacaré. Espalhou que o animal era dócil e se ali-

mentava de insetos. Isto é uma piada. O jacaré não é dócil nem se alimenta de insetos. Coim muita frequência chegam a Manaus, procedentes do Interior, à procura de tratamento médico, pessoas atacadas pelos jacarés. Uns sem braços e outros sem pernas. Muitas vezes registram-se casos mortais. Destacou que a caça amadorista era praticada em países como Estados Unidos, Suíça e Inglaterra. Na França, onde as lebres destroem 30% da produção da beterraba, como estavam imunes ao veneno com eram eliminadas, chegou-se contratar atiradores profissionais para matá-las.